

COLABORAÇÃO DE LEOPOLD VON RANKE: A HISTÓRIA DA TEORIA DA HISTÓRIA REVISITADA

Patriciane Escórcio da Silva

Alina Silva Sousa de Miranda

RESUMO

Neste artigo temos como principal objetivo indicar aspectos da caricatura lançada sobre o historiador Leopold von Ranke, reafirmando a importância de estudar a base teórica e metodológica da disciplina História. Os movimentos nessa área de estudo são indicadores das mudanças na prática disciplinar, mas também são reveladores das compreensões que podem ser lançadas sobre aqueles que passam a representar o contraponto dessas mesmas mudanças. Ao fazer esse estudo, pois, observamos a chegada do movimento dos Annales, no início do século XX, a despeito das importantes inovações, lançou sombra sobre essa figura tão importante para o nascimento da história científica no século XIX.

Palavras-chave: Teoria da história. Ranke. Annales.

ABSTRACT

In this article we have as main objective to indicate aspects of the caricature launched on the historian Leopold von Ranke, reaffirming the importance of studying the theoretical and methodological basis of the discipline History. By studying this area, we can see the change in disciplinary practice and the misunderstanding cast on important contributors to it. This is the case of Ranke, whose shadow over his figure is largely cast by the Annales School, in the beginning of the 20th century, despite his importance for the birth of scientific history in the 19th century.

Keywords: Theory of history. Ranke. Annales.

1. Introdução

Quem foi Leopold Von Ranke? Qual sua colaboração para com a historiografia? Qual o contexto do seu trabalho e proposições para a atividade do historiador?

Essas são questões que normalmente são apresentadas a um estudante de História logo no início, nas primeiras aproximações com a pesquisa acadêmica. Afinal, um dos papéis que esse autor desempenha é de ter colaborado na construção de uma produção historiográfica respaldada pelo caráter científico, com toda a credibilidade que esse discurso fornece a qualquer empreendimento de estudo.

De qualquer forma, além de apresentar esse autor, nosso interesse é revitalizar o olhar sobre ele e suas colaborações, uma vez que um possível excesso de crítica e uma necessidade de adaptação da disciplina História às demandas do seu tempo, acabaram por negativizar a imagem desse historiador, associando-o a um tipo de procedimento que é obsoleto e precisa, pois, ser ultrapassado.

“Para aqueles que iniciaram seus estudos de história na década de 1980, o século XIX começava com Hegel e terminava com Marx. Para tudo o mais lançava-se mão de um *Kampfbegriff*: “positivismo”. Não obstante o entendimento geral a respeito de conceitos como positivismo e historicismo no Brasil estivessem então contaminados por toda sorte de interferência extra-teórica, elegeu-se um nome para simbolizar tudo aquilo que a historiografia do século XX pretendia ter deixado para trás: Leopold von Ranke. (DA MATA, 2011, p. 248)”

Nesse sentido, faremos uma apresentação desse autor, seu contexto e, em seguida, uma apresentação dos acontecimentos dentro da disciplina História que levaram a uma crítica do seu trabalho. E faremos isso por perceber que a crítica, muitas vezes, ganhou mais visibilidade que seu trabalho, apesar de ele representar o início de como essa disciplina é pensada até hoje.

“Desnecessário insistir no fato de que oito dentre dez dos seus críticos nada sabem a seu respeito, e menos ainda sobre sua obra. Para aquele que está minimamente familiarizado com o que este erudito escreveu, por mais que dele se afaste em mais de um aspecto, é inevitável a sensação de se estar diante de uma personagem intelectual de primeira grandeza. A beleza da composição, a despreensão e a concisão do

estilo, e, diria mais, o equilíbrio de julgamento e a extraordinária capacidade de identificar e construir conexões históricas, tudo isso tinha-o Ranke no mais alto grau. Quem buscar “teorias” em suas obras, decerto não as encontrará, mas apenas: um gênio em ação. Nesta nossa época, temente a superlativos, há de se ter a coragem de dizê-lo. Outros contemporâneos seus, como Carlyle, certamente mereceriam o mesmo tratamento e a mesma adjetivação. Mas é tão somente de Ranke que se trata aqui. (DA MATA, 2011, p. 248)”

É com vistas, pois, à história da historiografia e o entendimento da dinâmica que o próprio fazer histórico sofre que propomos essa reflexão.

2. A ambiguidade lançada sobre Ranke

Ranke foi um historiador alemão nascido na Turíngia, em 21 de dezembro de 1795, tendo falecido em 23 de maio de 1886, na Alemanha (na realidade fora em um estado pertencente à antiga Prússia). É importante falar dele dada a sua colaboração à historiografia, justo quando ela procurava se tornar uma ciência e ter a credibilidade de uma disciplina científica. Ele apresentou propostas metodológicas que reformularam e deram um novo caráter ao estudo historiográfico, tanto para compreender a singularidade dos acontecimentos históricos, quando para destacar o papel que a história desempenha na vida.

Um estudo sobre Ranke envolve pensar a teoria da história e, quando nos aprofundamos no tempo, reconhecermos a grande relevância dele: trata-se do fundamento da História como disciplina e das regras do trabalho do historiador, bem como do lugar de pesquisa no qual Ranke se baseava – principalmente nos documentos históricos, que relatam a história do Estado e das relações exteriores. Segundo seu método de pesquisa, essas relações diplomáticas determinavam as principais ações na História.

Representante da historiografia alemã, um dos países que, junto com a França, se revezava na dianteira do pensamento histórico, Ranke foi significativo para a Teoria da História. Ranke geralmente era caracterizado como um empirista:

“o empirismo entende que conhecimento só pode ser obtido através de um dado racional e das deduções a partir dele. Contudo, Ranke entendia o fenômeno é visto como uma expressão de forças metafísicas, e para

desvendar o que aconteceu, ele sabia que precisava recorrer à intuição. Ele acreditava que, por trás dos eventos ocorridos, havia uma realidade, uma totalidade espiritual. Para conhecer a história para Ranke não contava apenas com sua criteriosa análise das fontes documentais. Ao invés disso, sua narrativa sempre recorreu à noção de que a história é uma arte, e, enquanto tal, ela só existiria por meio do ser humano. (GAIO *Apud* IGGERS, 2007, p. 89)”

Ainda que tenha prezado por essas questões, Ranke acabou por ser visto como um historiador preso à documentação, refém dos ídolos político, cronológico e individual, como mais tarde irá acusar Simiand, na esteira do desejo de submeter a disciplina história à sociologia.

Ranke traçou uma carreira mensurando as ideologias, para adaptar seus métodos científicos, o qual inovou e institucionalizou no ambiente acadêmico. Para compreender a intensidade de um historiador como ele, bem como à ambiguidade à qual ele foi lançado, Caldas (2008, p. 42) afirma:

“Se Ranke, de um lado não é de fato o “positivista” tão execrado por quase todos os historiadores no século XX, por outro lado é inegável que sua visão de história universal e de hermenêutica é historicamente circunscrita: se suas considerações apresentadas como “exigências ao trabalho do historiador”, em alguma medida, desnaturalizam a concepção do processo histórico, por outro lado, ele não questiona o pressuposto (teológico) que viabiliza toda a sua concepção de conhecimento. Mas não resta dúvida de que sua obra é muito mais complexa do que supõe a nossa vã historiografia.”

Com base nesta perspectiva, é importante lembrar que o historiador teve uma influência na historiografia francesa. Autores como Langlois, Seignobos, Lavisse, entre outros, foram leitores e em muito se aproveitaram das colaborações rankeana, sem deixar de traduzi-las para o espírito francês. Essa questão gera parte da divergência de que Ranke era um “positivista”, apesar de em sua metodologia não buscar leis para História, já que estava voltado ao Historicismo. Historicismo é uma corrente contrária ao positivismo. Nela, o sujeito (historiador) tem um contato direto com seu objeto de estudo, não se afastando do mesmo, ou seja, eles se refletem em si. Chegou para tornar oficial a História como disciplina com a participação do personagem mais importante Leopold von Ranke. Foi por meio do Ranke que foi padronizado o ofício do historiador, sua normatização e academia. Apesar de ter carregado uma influência do Positivismo, algumas divergências

surgiram em sua metodologia por não buscar leis para história já que estava voltado ao historicismo.

“Para Ranke, a História é feita da diversidade, de forças, de costumes, de épocas, de soluções, de arte, de tradições, de povos *etc.* E a observação da variedade é o verdadeiro ofício do historiador, o que implica, para nossa discussão acerca da ciência histórica, na abertura possível que a teoria da história rankeana dá para a formulação de leis históricas. Ao ler as obras de Ranke, não são encontradas leis propriamente ditas e sim tendências: ele entende progresso no sentido de “que “em cada período um certo movimento do espírito humano é revelado, pelo qual pela primeira vez uma ou outra tendência torna-se proeminente e mantém-se em sua própria forma” o que ele chama de “ideias guia”. (RANKE *Apud* MOREIRA, 2012, p. 5)”

Para Ranke, o historiador deveria manter sempre um contato direto com o objeto de estudo, mantendo *a priori* a busca da objetividade, sem se afastar do seu objetivo de pesquisa (e de suas fontes) ou seja, compreender minuciosamente a verdade ou chegar mais próximo da realidade dos fatos obtido. Porém, para os positivistas, o historiador deveria manter-se imparcial diante do objeto de estudo, sendo sempre neutro para obter uma verdade histórica sólida de fato, contudo ele não estava dentro da objetividade tão rígida, quanto dos positivistas.

Contudo, Ranke defendia a ideia de que cada momento na história era único, e que deveria ser compreendido em seu próprio contexto, e que cada evento histórico que ocorreu naquele período, o historiador pesquisador deveria ser fiel as suas fontes. Por isso, os documentos que eram obtidos durante a pesquisa são dignos de credibilidade, principalmente as fontes primárias, no caso, a documentação oficial.

Nesse sentido, como foi possível que Ranke fosse considerado um positivista? Também é importante lembrar que, ao invés de Comte, nosso ilustre historiador Ranke evidenciava que havia uma assimetria metodológica e epistemológica entre ciências humanas, ciências sociais e naturais. Para ele, o objeto de estudo não era o mesmo, dificultando uma análise exata, com os mesmos métodos, o conhecimento e a pesquisa não poderiam ser neutros, pois o historiador faz parte desta pesquisa. E essa análise deve estar inserida no percurso do processo histórico historiográfico.

Segundo Barros (2011), Ranke é o “pai da História científica moderna”, pois apresentou um novo modelo de estudar e pensar história, com base em métodos científicos. Portanto, o método rankeano veio com o mesmo sentido de observar os aspectos históricos, sociais, antropológicos, dentre outros, para o entendimento do fato histórico. E toda a sua disposição era trabalhar com os documentos escritos, sendo sua história considerada “positiva”, não necessariamente positivista.

Embora Ranke tenha sido visto como um positivista, sua ligação com o positivismo estava diretamente ligada com o modelo historiográfico que buscava a compreensão do passado, observando-a sem fazer nenhum tipo de julgamento, e beneficiando-se da crítica erudita das fontes.

“O trabalho do historiador para Ranke seria o de “recuperar os eventos, suas interconexões e suas tendências através da documentação e fazer-lhe a narrativa”, sendo que “a história se limitaria a documentos escritos e oficiais de eventos políticos”. Ranke argumentava que os fatos a serem narrados pelo historiador “eram os eventos políticos, administrativos, diplomáticos, religiosos, considerados o centro do processo histórico, dos quais todas as outras atividades eram derivadas. (REIS, 1996, p. 12-14)”

Portanto, é as demais interconexões que o historiador poderia absorver durante uma pesquisa devem ser dispensadas. Segundo Ranke, desta forma se poderia estabelecer uma narrativa segura e confiável, além de recuperar a credibilidade dos eventos ocorridos. A história feita precisa estar fora de julgamento, sendo ela passada ou presente e só assim se poderia beneficiar as futuras gerações. A história deveria somente mostrar e narrar o que exatamente aconteceu.

3. Positivismo e historicismo

Duas formas de conceber o processo histórico e a escrita dele rivalizavam à época do pensamento de Ranke: positivismo e historicismo.

“Positivismo e historicismo são dois paradigmas que se contrapõem como dois modelos antagônicos, e praticamente espelham-se (invertem), no que tange a questão da objetividade/ subjetividade em história. O positivismo já estava praticamente formado até as primeiras

décadas do século XIX, a partir das ideias de Augusto Comte, que postulada uma proximidade das ciências sociais em relação as ciências naturais tanto no que concerne a sua “objetividade”, encarada como absoluta, como no que se refere as buscas de Leis Gerais para o desenvolvimento. (GIANNATTASIO, 2011, p. 152-153).”

Com relação ao positivismo, a herança iluminista era visível. Noções de objetividade científica (neutralidade), de que o objeto de estudo já está na natureza e o cientista dele se apropria, separado, pois, de seu objeto de estudo, era corrente. O historiador, nessa perspectiva, deveria ser neutro e imparcial, sua identidade se baseava nos mesmos moldes dos métodos das ciências naturais: entre Ciências Humanas, também ocorreriam leis gerais a partir das quais a sociedade humana seria regulada. Essas seriam leis naturais, invariáveis, independentes de ação humana.

Já os historicistas levaram a crítica documental em alta consideração, atribuem à documentação um lugar específico, essencial para a análise histórica. Com uma metodologia que permite abordar com maior precisão essa fonte, os historicistas sempre insistiram que a atenção às fontes deve ser acompanhada pela consciência de que qualquer documento ou texto foi um dia produzido por seres humanos, sujeitos a contextos e interesses específicos.

De fato, o processo metodológico das fontes, com relação a análise historiográfica, se instalou na disciplina de história, causando então, uma necessidade de compreensão das concepções teóricas-metodológicas do historiador profissional. Por sua vez, é possível destacar a grande colaboração do Ranke, com base a enorme atenção que ele dava às fontes históricas e ao domínio que ele tinha sobre elas.

Assim, poderemos compreender, o quanto esta atenção minuciosa dos documentos é de suma importância para a pesquisa da disciplina de História, por estabelecer um novo olhar para a historiografia e para o profissional pesquisador. Portanto, é importante mencionar que não se tratava apenas de obter técnicas de precisão e crítica, mas também usar de maneira meticulosa um tratamento especial com os documentos, desta maneira, recuperar e trazer a fonte histórica para um novo tempo na História: não a tratando somente como

ilustrativa, mas demonstrativa. Entre todos os historicistas, Ranke, com este olhar metodológico, foi essencialmente importante.

Segundo Barros (2011) a objetividade e a imparcialidade do historiador, na reprodução do passado histórico, e o valor do documento oficial para a produção da história verdadeira representam, de fato, as maiores contribuições de Ranke para a ciência positiva. Entretanto, a importância destes acontecimentos históricos era realizada pelos grandes líderes nacionais: chefes de Estado, reis, príncipes *etc.* Contudo pode-se afirmar:

“É comumente aceito que Ranke fala dos indivíduos fora de seu contexto. Embora não seja, de fato, um autor de história social, um exame mais acurado pode ser recompensador. Não entendemos por individualidade somente o autor de uma fonte, mas, sobretudo, um tema histórico (Lutero, os papas, os reis *etc.*), os ditos “grandes nomes”. (CALDAS, 2013 p. 15)”

Portanto, como resultado, o progresso da História obteve várias transformações com a chegada do estudo metodológico de fazer História, sobretudo, representou para a História escolar o modelo de ensino, que existe por várias gerações, e que perpassou por inúmeros de estudantes e, pode-se afirmar, que é possível observar a elaboração dos livros didáticos, bem como a elaboração de aulas dada a quantidade de dados, e pela facilidade de exposição, e manuseio nos currículos escolares. Segundo a historiadora Circe Bittencourt (2004, p. 140-144), a reconstituição do passado da nação por intermédio de grandes personagens serviu como fundamento para a História escolar, privilegiando-se estudos das ações políticas, militares e das guerras, e a forma natural de apresentar a história da nação era por intermédio de uma narrativa.

O fundamento do historicismo, porém, está relacionado com a subjetividade do historiador, no qual ele não se separa da história. De certo modo, o historicismo sofreu várias modificações, sobre o que, afirma Barros:

“O historicismo ainda precisará construir a si mesmo, estendendo contribuições diversas em um arco que irá de Ranke – ainda preocupado em “narrar os fatos tal como eles aconteceram” – até Droysen e Dilthey, historicistas relativistas que já se ocupam em trazer a historiografia uma reflexão sobre a subjetividade do próprio sujeito que constrói a história, bem como sobre a singularidade do padrão metodológico a ser

encaminhado pela Historiografia: um padrão “compreensivo” e não “explicado” como nas ciências naturais. (BARROS, 2011, p. 67)”

O historicismo, nesse contexto, passa a ser pensado em todos esses aspectos, mas, por meio da apreciação do historiador, ele não considerou a sociedade tal como no modelo do positivismo, igualando-a aos métodos das ciências naturais. Sobreveio o pensamento por aumentar o campo sobre o universo historicista, considerando a ideia de que o historiador fala de um lugar, e como a verdade dos eventos pode ser obtida, não permite que esses dois modelos possam ser confundidos. Compreender a junção do modelo historiográfico alemão, vale ressaltar:

“Com este elemento característico fundamental, Ranke e os primeiros historicistas conseguiram impor o estatuto científico ao novo tipo de historiografia profissional que pretendiam apresentar como um modelo a ser seguido, sempre lembrando que estamos aqui nas primeiras décadas do século XIX, este fundo metodológico em comum, por assim dizer, será fundamental em todos os historiadores que ajudam a fundar o Historicismo, particularmente os ligados à Escola Histórica. (BARROS 2013, p. 978-979).”

O historicismo alemão apresenta, de início, de fato posturas do conservadorismo, especialmente em virtude dos serviços aos estados nacionais. E é, nesse aspecto que Ranke pensava e defendia que se pode contar os fatos tal como elas se deram, sendo fiéis às fontes oficiais e escritas.

Assim, Ranke não estava voltado a nenhuma história universal humana. Por tanto, estava voltado na defesa das histórias nacionais particulares, de maneira que já se pode ver a inclinação e aceitação da própria relatividade historiográfica que, neste caso, chegou ao nível do objeto de estudo. Fundamentalmente, o historicismo obteve momentos que produziu outros desdobramentos, nos quais ele apresenta uma nova concepção de olhar o homem, de forma extremamente distinta da perspectiva anterior, apresentada pelo pensamento ilustrado, dado pelo positivismo.

Por um longo tempo, o historicismo e o positivismo tiveram debates, principalmente a respeito do estudo historiográfico. Por sua vez, a visão do homem pelos iluministas e pelos positivistas estavam essencialmente voltados em exercer uma universalidade, ou

seja, enxergar a natureza imutável; já para os historicistas, havia uma diferença: o homem se movimenta, se desloca, muda e provoca uma historicidade própria, particular, que sempre deve ser destacada. Em suma, sua defesa é a de apreender a radical historicidade em toda e qualquer realidade, de modo que nada no universo estaria estático.

O olhar da mutabilidade no historicismo se constituiu e a relatividade do objeto histórico proposto pelo historicismo tende a ser problematizado e examinado, de maneira que a sociedade humana, o homem em particular, são movimentos e devem ser compreendidos: nunca são inertes. Ao invés de se limitar apenas buscar o universal, a presença historicista movimentou esse pensamento no sentido de tratar a diferença, a singularidade, o específico, o particular, ao contrário do positivismo, que buscava a descoberta da natureza imutável do homem.

Com base nessas postulações do historicismo, teve-se várias transformações e quanto a construção dos métodos pode afirmar que:

“O historicismo correspondia a uma época incerta dela própria, a Alemanha pré-revolucionária, que recusava o futuro que vislumbrava e oscilava entre o fatalismo lucido e a revolta utópica. Ele afirmava o que historicamente veio a ser, em qualquer tempo, o valor sagrado da tradição. Ele negava a mudança. Era conservador, tradicionalista, antirrevolucionário. (REIS, 2006, p. 212).”

O historicismo, por ser polissêmico, diversos autores evitaram esse termo. Por isso, se nossa intenção é compreender a caricatura e a rejeição de fato de Ranke, que fora forjada em torno desse historiador, a respeito de suas colaborações, devemos lembrar que o mesmo estava voltado ao historicismo, especificamente no que diz respeito à noção de individualidade dos povos. E se ele foi, muitas vezes, considerado positivista, o que permitiu a criação de uma caricatura sobre ele? Indo nessa direção, encontraremos o próprio movimento de mudança das bases que definem a prática de trabalho do historiador: as mudanças dentro da disciplina, consideradas necessárias para a manutenção de sua indispensabilidade diante da nova atmosfera do século XX, tem enorme papel nessa questão. O ataque à Ranke, veremos, não é um ataque apenas externo, das demais disciplinas e seus interesses, mas um ataque de dentro do próprio corpo da

História em busca de sua sobrevivência. Para compreender a complexidade do historicismo, segundo Barros (2011, p. 120) afirma:

“A prática historiográfica do “olhar sobre si” apenas casual e esporádica até meados do século XVIII iria se tornar uma exigência da própria “matriz disciplinar” da história. Em vista de sua predisposição relativista, o Historicismo, mais do que o Positivismo, sempre mostrou maior afinidade em relação a esta necessidade de reelaborar constantemente um “olhar sobre si” que é constituinte da própria Teoria da História.”

4. O papel dos Annales na formulação da caricatura de Ranke

É suficientemente reconhecido o lugar que França ocupa na produção historiográfica a partir do século XIX. Da Escola Metódica à revolução dos Annales, com seus desdobramentos até os anos 1980, a produção francesa foi uma referência para os estudos históricos em vários países, marcou o discurso historiográfico na contemporaneidade.

Surgido na França, em 1929, por meio da revista fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, o movimento dos Annales foi um movimento historiográfico que marcou a chegada dos métodos das ciências sociais na História, método este que buscava desfazer a visão “positivista” da escrita da história, que havia dominado no final do séc. XIX e início do XX.

Tendo como proposta um novo modelo de se pensar e fazer história, olhando por um ângulo da chegada das ciências sociais, esse movimento atacou e criticou a historiografia anterior, especialmente a contribuição da Escola Metódica e a contribuição de Leopold von Ranke para a estruturação dela. A versão da escola metódica que surgiu na França ocorreu em finais do século XIX em um contexto de forte sentimento patriótico e de formação da unidade nacional. Portanto, pretendiam consagrar a história sob status de ciência, com a utilização de métodos científicos que a distanciassem da literatura. Com o avanço historiográfico, esse movimento reafirmou possibilidades de análises históricas, levando em conta a história de maneira mais global. Com isso, elaborou uma nova forma de pensar a construção e crescimento histórico partir de um problema, a chamada

problemática, dando importância para a historiografia contemporânea, que se estabeleceu por uma proposta de revisão do próprio método tradicional da história. Para reafirmar a proposta estabelecida no novo modelo de se fazer história:

“Fazer uma outra história, na expressão usada por Febvre, era, portanto, menos redescobrir o homem do que, enfim descobri-lo na plenitude de suas virtualidades, que se inscreviam concretamente em suas realizações históricas. Abre-se, em consequência, o leque de possibilidade do fazer historiográfico, da mesma maneira que se impõe a esse fazer a necessidade de ir buscar junto a outras ciências do homem os conceitos e os instrumentos que permitiram ao historiador ampliar sua visão do homem. (BURKE, 2010, p. 8).”

Para compreendermos os motivos que levaram os historiadores franceses a se unirem para criar uma revista de história – Os *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, periódico fundado por Marc Bloch e Lucien Febvre em 1929 – a fim de publicar as novas ideias e as novas propostas teóricas, é necessário conhecer o contexto cultural histórico e a cultura historiográfica vigentes na França, exatamente no final do século XX, observar os aspectos que marcaram o desenvolvimento teórico e metodológico. Isso nos ajudará a entender as caricaturas lançadas sobre Ranke.

Portanto, o estudo da escola dos *Annales* tende a confrontar, com a chamada “história problema”, com a história tradicional, por não concordar com a maneira que essa historiografia procedia: ela estava presa a um único âmbito – a narrativa – que era meramente descritiva, pois relatava apenas como as coisas realmente ocorreram, narrando um evento histórico ou políticos, sem questioná-los. Atentando aos documentos recolhidos, em seu determinado tempo, como tal ocorreram. Este tipo de “história narrativa” – coirmã e talvez gêmea siamesa daquilo que Febvre chamou de “história factual” – é a segunda entidade da tríade visada pelo historiador francês nos seus combates pela história: a “história factual”, a “história narrativa”, a “história [da] política”. (BARROS, 2012, p. 312)

“Na “história-problema”, o historiador escolhe seus objetos no passado a partir de interrogações do presente. Para obter tal êxito, os *Annales* inovaram de várias maneiras: a noção de “fato histórico” como construção, em oposição ao “fato dado” nos documentos (escola

metódica); a ampliação e a variedade do uso das fontes históricas; e a ambição de uma história total e global. Unindo-se a tais propostas, os *annalistas* propuseram o uso da interdisciplinaridade. (SALGUEIRO, 2014, p. 412).”

Contudo, por longo tempo ainda é feito um estudo historiográfico, com base narrativa, mas com os novos eventos ocorrendo no século XX e uma nova Escola surgindo, a narrativa não é o único meio de conhecimento e muitos menos de contar história. Uma contribuição que marcou a escola do Annales é:

“O grupo ampliou o território da história abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais. Essas extensões do território histórico estão vinculadas à descoberta de novas fontes e do desenvolvimento de novos métodos para explorá-los. Estão também associados à colaboração com outras ciências ligadas ao estudo da humanidade, da geografia à linguística, da economia à psicologia. Essa colaboração interdisciplinar manteve-se por mais de sessenta anos, um fenômeno sem precedentes das ciências sociais. (BURKE Apud FARIAS; FONSECA; ROIZ, 2006, p.123-124)”

Portanto, a corrente contemporânea negligencia o acontecimento e insiste na longa duração; move sua atenção da vida política para a atividade econômica, as organizações sociais, e a psicologia coletiva: se esforçando para aproximar a história das outras Ciências Humanas.

Em outras palavras, Febvre recomenda, por um lado, não isolar patamares da realidade social, pôr em evidência suas interações; por outro lado, inverter a hierarquia das instâncias; em vez de ir do político para o econômico, remontar do econômico ao político.

Bloch (2001), por exemplo, defendia o abandono de sequências pouco úteis de nomes e datas e estimulou um maior questionamento sobre a relação entre homem, sociedade e tempo na construção da história. Alguns historiadores passaram a utilizar as teorias de Ranke, ou seja, o apoiavam em seus métodos, particularmente no campo da história política, sendo que sua metodologia e técnicas permanecem em uso por quase esses historiadores, isso devia se encerrar.

Passaram a observar que as fontes históricas são um meio investigativo fundamental que o historiador, por sua vez, passa a realizar um trabalho entre o presente, passado e um

olhar futuro do ser humano. Analisando que tudo que ocorre durante a evolução humana é baseada na própria produção humana, o homem próprio homem é uma fonte histórica. Enfim, não é apenas um texto escrito que deve ser entendido como tal, como defendia o Ranke, preso a uma história do Estado.

4.1 Renovar para permanecer

“A sociologia teve uma grande influência do discurso dos Annales ao ponto que trouxe para a história ‘a estratégia de tudo absorver’. (DOSSE, 2003, p. 44). Essas influências da sociologia, tanto com Durkheim, como com Simiand, auxiliaram no pensamento dos Annales, escola cujas influências repercute até hoje na escrita historiográfica. Pode-se, portanto, afirmar que os Annales foram muito bem-sucedidos ao agrupar as ciências humanas por detrás de sua bandeira, a História (DOSSE, 2003, p. 90).

Essa é uma importante característica, visto que a partir do início do século se teve a necessidade de se fugir dos ídolos mencionados por Simiand, pois eles não traduziam mais a realidade de uma Europa em crise. Os Annales vão traçar seus estudos em cima da economia e da sociedade, abandonando os ídolos da tribo dos historiadores.

“O atraso da História para Simiand se localizava, de modo especial, na inoportuna presença de “três ídolos da tribo dos historiadores, que são: a política, o individual e o cronológico”, em alguns mitos por ele apontados: o ídolo político, o ídolo individual e ídolo cronológico. Em sua percepção, a atenção exagerada conferida à história política deveria ser ponderada sem, contudo, serem abandonados os fatos políticos, estes deveriam apenas perder sua centralidade na análise da História. Outro mal hábito dos historiadores era entender a história como história dos indivíduos, o que muito recorrentemente os fazia organizar as pessoas em torno de determinados sujeitos, tais como reis, diplomatas e generais, secundarizando o que deveria observar de modo mais acurado: as instituições e os fatos sociais. A crítica à narrativa do político, das guerras e batalhas e do ídolo individual, formuladas por François Simiand deve, segundo Nobeit Elias ser situada na mudança pela qual os sentidos de social e sociedade passam ao longo de processo que tem a Revolução Francesa como momento culminante. (SANTOS, 2019 p. 5)”

Nesse aspecto, Bloch, parceiro de Febvre na revolução historiográfica, chega a se reconhecer devedor de Durkheim, afirmando que ele os ensinou a analisar mais

profundamente, a cingir mais de perto os problemas, a pensar menos ligeiramente. (DOSSE, 2003).

Nota-se que na análise feita por Febvre havia em sua obra a oposição à tradição da escola metódica, atribuindo novas formas de história: a dos Annales. Para ele, a história para permanecer com alguma importância e lugar definido entre as ciências, ela precisa se transformar radicalmente.

Na tentativa de renovar a História e de absorver as críticas da sociologia nascente – em vez de ser absorvida por ela – eles conseguiram unir diversas áreas de conhecimento contra um adversário em comum: a própria história, mas aquela dita positivista que era preciso abandonar sem que fosse perdido o papel e a influência da História. Por isso, afirma Barros:

“São tão antagônicas como o são a velha e popular frase de Seignobos – “sem documento não há história” – e a réplica de Lucien Febvre, “sem problema não há história”, ela sim escrita, neste caso, em provocação direta contra o velho historiador metódico. (BARROS, 2012, p.310).”

Essa característica, por sua vez, permite assegurar a continuidade e a coesão do movimento, permitindo afirmar que os Annales por toda sua extensão e camadas, já que se trata mais de um movimento que de uma escola com tendências uniformes, continuam herdeiros dos métodos de seus pais fundadores.

A escola dos Annales surge com o objetivo de avançar universalmente o trabalho científico do historiador, ela extrairá seu caráter inovador da história-problema, da promoção de pesquisas coletivas. Se a Escola Metódica contribuiu com cientificidade da história, esse movimento propôs também uma cientificidade no método histórico, agora próximo das ciências sociais, em particular da sociologia.

“À força de repetir com a escola moderna que a história é uma representação do passado, exata, imparcial, sem fins tendenciosos nem moralizadores, sem intenções literárias, romanescas, anedóticas- o que constitui, como feito, uma concepções e as práticas historiográficas

anteriores – esquecendo-se de sublinhar que “exato” não quer dizer integral que “imparcial” não quer dizer “automático”, que sem fins tendenciosos, sem preocupações literárias não querem dizer “sem preconceito, sem escolhas. (SIMIAND *Apud* FARIAS; FONSECA; ROIZ, 2006, p.121-126.)

Assim, se houve essa necessidade de renovar, é importante não esquecermos não apenas as contribuições de Ranke, mas a necessidade de estudá-lo sem o filtro das críticas dos *Annales*. O peso dessa crítica precisa ser compreendido para que libertemos Ranke da estereotipia que foi lançada sobre ele.

Apesar das críticas levantadas à concepção narrativista da história ou mesmo historicismo, afirmou-se ingenuamente que Ranke defendia que a história estava literalmente nos documentos, e que esteve diretamente e indiretamente representado em cada escola, pois, com certeza, ele foi um grandioso arquiteto dessa disciplina e de sua construção mediante o paradigma da ciência.

“De um lado, pretendemos demonstrar que o processo histórico, em Ranke, não é um mosaico de fragmentos e tampouco um curso evolutivo. (...) ele é uma dotado de um sentido costurado pelo fio da contingência; de outro lado, apresentamos ao leitor a ideia de que, em Ranke, há uma prática hermenêutica capaz de nos levar a retocar sua imagem de um mero reproduzidor de fatos. (MARTINS, 2008 p. 14).”

Portanto, essa reflexão é um convite para revisitar esse autor descolado das críticas dos *Annales*. Embora tenha sofrido uma caricatura, Ranke ainda está por ser visto como um colaborador na ideia de relatividade do objeto histórico, muito mais em voga atualmente, pois já para ele o fenômeno social, cultural ou mesmo político só poderia ser rigorosamente compreendido dentro da história, dentro do movimento da história tendo em vista suas particularidades.

5. CONCLUSÃO

Embora, a imagem de Ranke pareça negativa mediante a críticas levantadas, podemos mensurar que não era apenas um mero reproduzidor das informações contidas na fonte e, por sua vez, foi considerado o pai da história científica, fez por merecer isso, obtendo mérito por realmente impactar a formação dessa disciplina em sua época. Além disso, ainda hoje, mesmo pouco lendo sobre ele, qualquer primeira visita aos problemas teóricos dessa disciplina leva a Ranke. Se a história tem uma identidade, ainda que não uniforme, certamente devemos essa questão a Ranke e seu esforço de fazer, ele mesmo, a história do seu tempo.

Há um movimento significativa nos departamentos de teoria da história para resgatar a figura de Ranke e reabilitá-lo aos olhos da prática historiográfica. Hoje temos a oportunidade de resgatar um pouco do que se perdeu, fazendo releitura sobre ele e como se fundamenta sua metodologia para Teoria da História e sua significação historiográfica, sem esquecer seu próprio contexto e a importância para seu período de vida e pensamento, da história considerada tradicional.

Portanto, é necessário revisitar e conhecer este ilustre historiador, e todo seu método historiográfico, não tão somente por tradutores de sua obra, mas por ele mesmo, trazendo menção o seu modo de pensar e fazer história. Como a questão da verdade dos fatos, como a história realmente ocorreu, e como podem ser revisitada ao longo dos séculos, de forma segura e legítima pelos documentos oficiais. É possível identificar nos dias atuais, a cientificidade da mesma segurança como fora nos séculos anteriores? Portanto, porque voltar a Ranke? os dias atuais tende a se basearem somente aos documentos oficiais, como se lida a história a partir das ideias de Ranke?

É claro que a análise feita durante a pesquisa é bastante metódica, na qual pudemos aqui compreender o pensamento e a elaboração feita por Ranke, com as demandas ocasionado com a escola historicista que obteve um papel importante na metodologia e na teoria, que colheu frutos no desenvolvimento histórico. De maneira que o próprio Ranke, com toda a sua bagagem historiográfica e suas especificidades, sendo ele religioso, embora não

devocional a ponto de interferir na sua perspectiva historiográfica, vemos seu empenho em trazer um grau cognoscível de cientificidade ao seu ofício.

Enfim, a caricaturização sobre esse historiador é algo evidente. Quando acontecem mudanças e inovações é sempre preciso rever com cautela sobre quem ou o que essas mudanças estão se contrapondo, evitando, dessa forma, a sobrevida do estereótipo que eventualmente se forja. Nesse sentido, uma revisita a esse historiador alemão é muito necessária.

REFERÊNCIA

Patriciane Escorcio é discente do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia – UFMA e se dedica ao estudo da teoria da história. Alina Miranda é a orientadora, professora associada da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Mestre e Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo – USP.

BARROS, José. *D' Assunção. Teoria da História*. Vol. I *Petrópolis*, RJ: VOZES, 2011

BARROS. José D'Assunção **Teoria da História**, *Petrópolis*, RJ: VOZES, 2012. Conteúdo V. A escola dos *Annales* e a *Nova História*.

BARROS. José D'Assunção **Ranke: considerações sobre sua obra e modelo historiográfico** *Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, vol. 17, núm. 3, septiembre-diciembre, 2013, pp. 977-1005. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/35976/>

BARROS. José, **Os Annales e a história-problema – considerações sobre a importância da noção de “história-problema” para a identidade da Escola dos**

Annales. História: Debates e Tendências – v. 12, n. 2, jul./dez. 2012, p. 305-325.
<http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/3073>

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia** \ Tradução Nilo Odalia – 2.ed. -São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

DA MATA, S. Ranke reloaded: entre história da historiografia e história multiversal. **História da Historiografia:** International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 4, n. 6, p. 247–251, 2011. DOI: 10.15848/hh.v0i6.244. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/244>.

DOSSE, François. **A História em Migalhas: dos Annales à Nova História-** François Dosse; tradução Dulce Oliveira Amarante dos Santos; Revisão técnica José Leonardo do Nascimento. – Bauru, SP: EDUSC, 2003.

DOSSE, F, **A História.** tradução Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru; EDUSC, 2003.

FARIAS, Marcilene Nascimento de; FONSECA. André Dionei; ROIZ, D. S. **A escola metódica e o movimento dos Annales: contribuições teórico-metodológicas à História.** Akropolis (UNIPAR), v. 14, p. 121-126, 2006. <https://www.revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/588>

GAIO, Géssica, G. **A tarefa do Historiador no alvorecer do historicismo.** Rio de Janeiro, 2007.111p. Dissertação de Mestrado- Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_RIO-1_0536e9b050e9c641a444f94a38b1ae6d

GIANNATTASIO, G.; IVANO, R. (Orgs); **Epistemologia da história: verdade, linguagem, realidade, interpretação e sentido na pós-modernidade.** Londrina: Eduel, 2011.

MATA, Sérgio, Apresentação de Leopold von Ranke, In: In: MARTINS, Estevão Rezende (org.) **A História Pensada, Teoria e Método na Historiografia Europeia do Século XIX.** São Paulo: Contexto, 2010, pp. 187-201.

MARC, BLOCH (1886-1944). In: **A Constituição da História como Ciência**. Org.: BENTIVOGLIO, Júlio; LOPES, Marcos Antônio. Ed: Vozes, Rio de Janeiro, 2013.

MARTINS, Estevão; CALDAS, Pedro. Leopold Von Ranke (1795-1886). In: **A Constituição da História como ciência, de Ranke a Braudel**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

MARTINS, Estevão Rezende; **A história Pensada: Teoria e método na Historiografia Europeia dos séculos XIX**. São Paulo, 2015.

MOREIRA, Viviane V. **Em busca de resultados sólidos: Leopold von Ranke e os raciocínios por indução em história**. 2012.

REIS, José Carlos, **História e Teoria; historicismo, modernidade, temporalidade e verdade 3**. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

REIS, José Carlos. **A História entre a Filosofia e a ciência**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

SALGUEIRO, Eduardo de Melo. Resenha do livro O desafio historiográfico de José Carlos Reis. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, v. 21, n. 39, p. 407-415, jul. 2014

SANTOS, Rosenilson da Silva; ELIBIO JUNIOR, Antônio Manoel. **Por uma Leitura Histórica dos Debates Entre Sociólogos e Historiadores (SIMIAND vs SEIGNOBOS)**. Boletim HISTORIAR, v. 6, p. 1-15, 2019. <https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/view/11744>

SILVA, Brunno Hoffmann Velloso. **Encontros Entre História e Sociologia: Primeiros Embates Metodológicos na França**. História e Cultura, Franca, v.3, n.3 (Especial), p. 7-27, dez. 2014.